

A TRAGÉDIA EUCLIDIANA

(E UM DE SEUS DESDOBRAMENTOS EM S. JOÃO DEL-REI)

José Antônio de Ávila Sacramento

O grande escritor **Euclides** Rodrigues Pimenta **da Cunha** nasceu no Rio de Janeiro aos 20 dias do mês de janeiro de 1866. Era também professor, sociólogo, jornalista e engenheiro. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Euclides da Cunha é imortalizado como escritor, principalmente, porque produziu uma obra-prima, “Os Sertões”, livro publicado em 1902 e que é considerado o mais fiel relato da Guerra de Canudos. Como se sabe, em 1897, atuando como repórter do jornal “O Estado de São Paulo”, Euclides foi enviado para a Bahia com a finalidade de fazer a cobertura dos embates contra os seguidores de Antônio Conselheiro. Daqueles confins baianos enviou uma série de reportagens, as quais, futuramente, deram origem ao seu mais famoso livro.

Valendo-me de registros do dr. Thales de Almeida Magalhães (diretor do Museu ‘Salles Cunha’, da ABO-RJ) e de Dirlene Diório (do Museu Histórico do Exército/Forte de Copacabana-RJ), publicados no Informativo AORJ (n.15, ano 9, 2º semestre de 2005), aventurar-me-ei a dizer alguma coisa a respeito de uma tragédia passional que à sua época abalou este país, e, principalmente, relatar um de seus desdobramentos acontecido em São João del-Rei. Thales Magalhães é também o autor de “À margem da História - Euclides da Cunha” (Bol. Serv. IASERJ - v. 4, nº. 9, p. 22-5, jan/dez, 1982).

Euclides casou-se com Ana Emília Ribeiro, em agosto de 1890 (Ana era filha do major Sólon Ribeiro, aquele que em 15/11/1889, com o golpe de estado da Proclamação da República, entregou ao Imperador Pedro II a intimação para que ele deixasse o Brasil). As constantes ausências do marido Euclides, em função de sua vida de jornalista e das rotineiras incursões pelo interior do país, deixavam Ana Ribeiro na mais completa solidão. Assim, com o tempo, ela acabou por encontrar nos braços do jovem Dilermando Cândido de Assis um refúgio para aplacar as carências das quais sofria. Euclides, por sua vez, já andava meio desconfiado de um possível e furtivo romance entre Ana e Dilermando (ele era um simpático militar, alto e loiro, 13 anos mais novo que a amante). Ana teve dois filhos, possíveis frutos do seu romance com Dilermando. Mesmo assim, ambos foram registrados por Euclides da Cunha, ainda que mantendo a desconfiança de que ele não seria o pai, pois os biótipos dos meninos não tinham muito que ver com o seu genótipo. A respeito de “seu” último filho, Euclides comentou com Coelho Neto: “ele mais parece uma espiga de milho num cafezal”.

Em 15 de agosto de 1909, no Rio de Janeiro, ocasião em que não encontrou Ana em casa, Euclides da Cunha armou-se e foi até à residência dos irmãos Dilermando e Dinorah de Assis, onde desconfiava que a esposa pudesse estar, e onde de fato ela se encontrava. Percebendo a chegada de Euclides e que ele vinha armado para um possível acerto de contas, Dinorah correu e avisou a Dilermando; ambos se armaram. Com a entrada abrupta de Euclides na casa, houve alterada discussão seguida de tiroteio; Dinorah foi atingido na espinha, por uma bala do revólver de Euclides. Dilermando, também ferido por três tiros, ainda conseguiu disparar um tiro mortal contra Euclides. O caso ficou conhecido como a “Tragédia da Piedade”, por ter acontecido no subúrbio

carioca com este nome. Um processo criminal se seguiu, mas Dilermando foi absolvido sob a tese de agir em legítima defesa; logo depois se casou com a então viúva Ana Ribeiro, que passou a assinar Ana de Assis.

Sabemos que a tragédia euclidiana não terminou com a morte de Euclides e os ferimentos em Dilermando e Dinorah. Anos mais tarde, Euclides da Cunha Filho, o “Quidinho”, filho de Ana e Euclides, desejoso de vingar a morte do pai, atentou contra a vida de Dilermando e este, ainda que ferido, reagiu e matou o seu agressor; um processo criminal foi aberto perante o Conselho de Guerra e resultou em nova absolvição de Dilermando, também por legítima defesa. A minissérie “Desejo”, exibida na TV Globo em 1990 e reeditada em DVD no ano de 2009, explorou bastante o assunto destas tragédias euclidianas acontecidas bem à moda de Ésquilo.

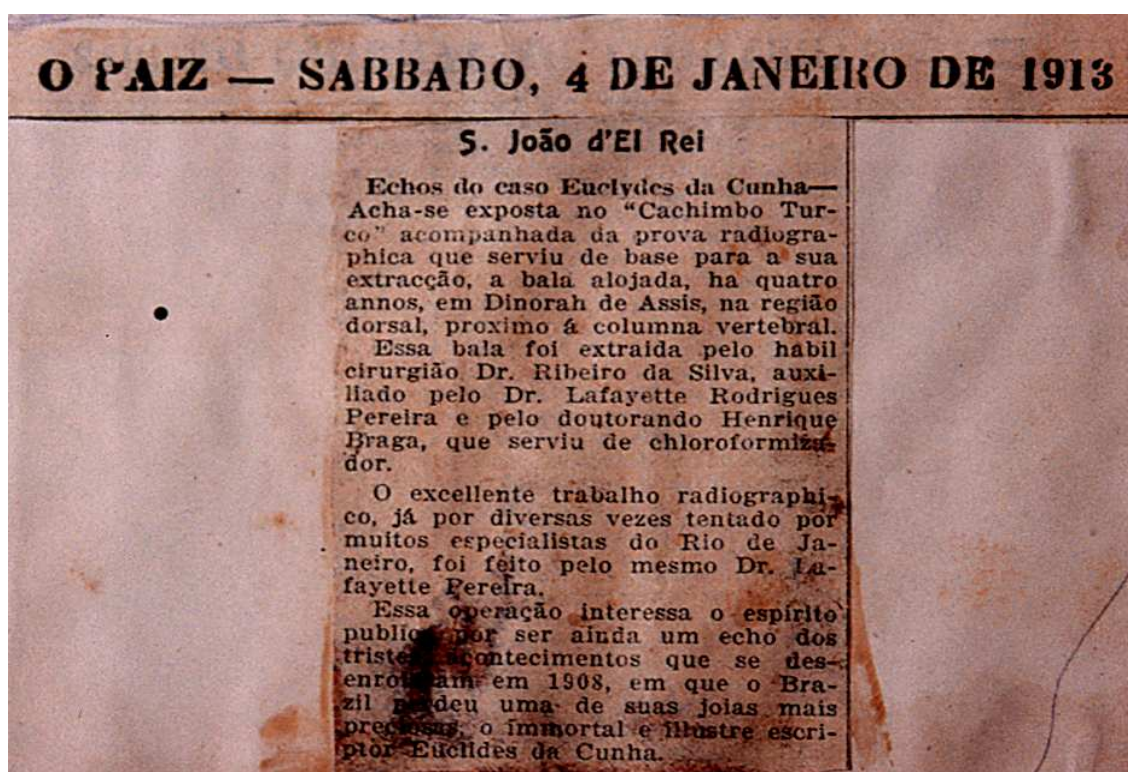
Quando do tiroteio na casa dos irmãos Assis, a bala do revólver de Euclides ficou alojada na coluna de Dinorah e, com o tempo, deixou-o paralítico. Anos depois, Dilermando de Assis veio para a cidade de São João del-Rei, como militar destacado para o então 51º Batalhão de Caçadores (atual 11º BI Mth); como era ele quem cuidava do irmão, Dinorah veio junto. Aqui, nesta “terra onde os sinos falam”, Dilermando se tornou amigo do médico Francisco Lafayette Rodrigues Ferreira (filho do conselheiro Lafayette), que atuava como radiologista da Santa Casa da Misericórdia. Francisco Lafayette apresentou Dilermando ao Dr. Antônio Ferreira Ribeiro da Silva, um afamado médico de quem também se tornou amigo. Sabendo do caso da hemiplegia de Dinorah, Dr. Ribeiro da Silva pediu para examiná-lo e, depois de avaliar cuidadosamente o quadro, com anuência de Dilermando, resolveu operá-lo com a finalidade de extrair-lhe a bala que estava alojada na coluna. A cirurgia foi realizada na Santa Casa de São João del-Rei, no ano de 1913, com a ajuda do radiologista Lafayette e de outros dois médicos, Alceste de Freitas Coutinho e Henrique Braga. A intervenção foi revestida de êxito e o Dinorah voltou a andar.

Além destas informações contidas nas obras já referenciadas, este escriba acompanhado de sua esposa e de outro casal de São João del-Rei esteve conversando com Dr. Thales Ribeiro de Magalhães e Dr. Jorge Alberto Romeiro Júnior, netos do polígrafo e intelectual Basílio de Magalhães, em 20 de julho de 2007, na cidade de Barroso-MG (sobre este encontro, ver artigo publicado na edição 88 do Jornal de Minas, de 22 a 29/07/2007, p.2). Naquela ocasião, Dr. Thales conosco comentou sobre o episódio da cirurgia do irmão de Dilermando e confidenciou-nos que projétil retirado da coluna de Dinorah e outros documentos afins atualmente estão em São João del-Rei, sob a guarda do professor Alberto Ferreira Júnior (o prof. “Tibagi”, da UFSJ, pesquisador da área das artes cênicas).

Ribeiro da Silva, o cirurgião que extraiu a bala da coluna de Dinorah, nasceu em Goiás, no ano de 1868. Viveu cerca de 15 anos em São João del-Rei. Faleceu no ano de 1928 (ainda não tenho o registro do local de falecimento dele). Foi chefe da Clínica Cirúrgica da Santa Casa, professor de “Physica da Escola de Pharmácia”, Delegado de Higiene do Estado, médico legista. Era membro do Partido Republicano de MG. Atendia a partos e urgências pelas redondezas desta cidade e de outras da região, para as quais seguia viajando a cavalo. Em seu consultório “fazia ele mesmo exame de escarro, urina, sangue, era oculista, aplicava pneumotórax, fazia pequenas cirurgias e, dizem, até dentes extraiu”.

Foi teatrólogo, poeta e escritor, utilizando-se dos pseudônimos “Fox” e “Sérgio Guido”. Publicou o romance “O Apóstata”, pelo que recebeu menção honrosa da ABL, em 1923. Dr. Ribeiro “compôs, em parceria com Oscar Gamboa, duas revistas teatrais: “O boi fugiu” (um prólogo, 2 atos, 3 apoteoses e 27 números musicais), levada à cena no Teatro Municipal de São João del-Rei pela empresa Faleiro&Cia, com a orquestra de Targino da Matta, em 18/03/1918 e “Ver para crer” (um prólogo, 2 atos, 8 quadros e 26 números musicais), no mesmo local e ano”.

Ao apresentar este artigo¹, a intenção deste escriba não é a de reescrever ou fazer juízo de valores sobre as tragédias euclidiana ou pós-euclidiana, assuntos que já foram por demais explorados. A intenção é a de, suscitando os acontecimentos, seja evidenciado o desdobramento destes fatos em São João del-Rei e, especialmente, registrar o feliz desfecho da correção da hemiplegia de Dinorah aqui na nossa terra, enaltecendo as exemplares qualidades médicas e a cultura do Dr. Antônio Ferreira Ribeiro da Silva.



Recorte de jornal da época (1913)

¹ Versão original deste artigo foi publicada no Jornal de Minas (São João del-Rei/MG, Ano X, ed. 124, 21 a 27/05/2010).